

A CARTOGRAFIA MEDIEVAL NO *LIBER FLORIDUS* DO LAMBERT DE SAINT-OMER

MEDIEVAL CARTOGRAPHY IN THE *LIBER FLORIDUS* OF LAMBERT OF SAINT-OMER

Jefferson Mendes¹

Resumo: O presente artigo tem como objetivo explicar o conceito de globalidade na cartografia medieval partindo da enciclopédia intitulada *Liber floridus* [Livros das Flores]. Lambert, Cônego de Saint-Omer, foi um monge beneditino francês (ca. 1061-1150) que estudou teologia, gramática e ficou conhecido como homem de grande erudição. Neste tratado Lambert compilou uma crônica ou história que vai até o ano de 1119; contém vários mapas, incluindo um *mappamundi*, que originalmente, como o texto, tem uma data pelo menos anterior a 1125. Por fim, o artigo propõe uma análise dos manuscritos que sobreviveram até a contemporaneidade: os manuscritos de Ghent, Wolfenbüttel e Paris. Como metodologia, emprega-se a ideia de globalidade no medievo aos estudos da História da Arte Global.

Palavras-chave: Cartografia, Globalidade, Lambert de Saint-Omer, *Liber floridus*, História da Arte Global.

Abstract: This article explores the concept of globality in medieval cartography through an analysis of the encyclopedia *Liber Floridus* (Book of Flowers). Authored by Lambert, Canon of Saint-Omer—a French Benedictine monk (ca. 1061–1150) renowned for his erudition in theology and grammar—the treatise includes a chronicle extending to the year 1119 and several maps, notably a *mappamundi* dated to at least before 1125. The article examines the surviving manuscripts of *Liber Floridus* housed in Ghent, Wolfenbüttel, and Paris. As a methodology, it employs the concept of globality within the framework of medieval studies and the History of Global Art.

Keywords: Cartography, Globality, Lambert of Saint-Omer, *Liber floridus*, Global Art History.

O '*Liber Floridus*', escrito por Lambert, cônego de Saint-Omer, é um testemunho excepcional da vida intelectual e espiritual de um estudioso do início do século XII. Este artigo examina os vários mapas (*mappamundi*, mapa regional da Europa e diagramas cosmográficos) em conexão com os textos descritivos e em seu contexto codicológico complexo, no manuscrito autografado (Ghent, Biblioteca Universitária, Ms 92), em outra cópia (Wolfenbüttel, Herzog-August Bibliothek, Gudeanus lat. 1) e, por fim, numa terceira cópia (Bibliothèque Nationale, MS. Lat. 8865) a fim de analisar como os mapas explicam a visão de mundo de Lambert, a

¹ Professor do Departamento de Teoria e História da Arte do Instituto de Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (DTHA/Iart/UERJ). Doutor em História da Arte pelo Programa de Pós-graduação em História da Arte (PPGHA-UERJ). Email: mendesajefferson@icloud.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4075-8882>.

partir de uma perspectiva espiritual e escatológica. Primeiro, descrevo o trabalho de Lambert, seu método de trabalho e seus objetivos. Em seguida, exploro a natureza eclética dos mapas que ele inseriu no 'Liber' e como ele produziu seus mapas extraordinariamente originais.

Liber Floridus ("Livro das Flores") é uma enciclopédia medieval compilada entre 1090 e 1120 por Lambert, Cônego de Saint-Omer. O texto compila trechos de cerca de 192 obras diferentes. A enciclopédia medieval de Lambert contém uma história universal, um registro cronológico de eventos até o ano 1119. Estes são assuntos bíblicos, astronômicos, geográficos, filosóficos e de história natural. A coleção é composta por mais de 300 peças abstratas de obras de um grande número de autores, entre os quais encontramos Capella, Macróbio, Orósio, Isidoro e Beda. Esta compilação é uma enciclopédia, mas é importante ressaltar que na Idade Média esse formato representava uma ideia um pouco diferente: eram livros e coleções que serviam principalmente para fins didáticos nos mosteiros e nas abadias. Para Lambert, esta enciclopédia era uma pradaria celestial onde crescem as "flores da literatura" e atraem leitores cheios de fé pela sua doçura. Além de registrar acontecimentos históricos, o *Liber Floridus* contém ilustrações, diagramas e diversos mapas (desenhados, segundo alguns especialistas, pelo próprio Lambert), incluindo um *mappamundi*. Suas fontes são cerca de 190 livros diferentes, entre os quais encontramos a Bíblia, diversas crônicas históricas e coleções de Astronomia, Botânica, Geografia e História Natural.

Os mundos são retirados dos escritos destes autores, e o seu conjunto constitui uma enciclopédia cartográfica muito significativa. Apesar da intenção claramente expressa de fornecer um *mappamundi* completo, a cópia mais antiga, o manuscrito de *Ghent*, inclui apenas um mapa da Europa, dois esboços da *zona macrobiana*¹ e um design T-O². Esta cópia manuscrita em particular parece ter sido escrita pelo próprio Lambert, certamente não depois de 1125, e contém algumas peculiaridades notáveis no que diz respeito à Europa. As cópias de *Wolfenbüttel* e de *Paris*, datadas de cerca de 1150, são simplesmente cópias diferentes do mesmo original, que foi sem dúvida obra do próprio desenho de Lambert (embora em uma monografia de 1936 intitulada *Die Weltkarte des Martianus Capella*, Richard Uhdén tenha apontado que o mapa-múndi continha na cópia de *Wolfenbüttel* traz a teoria atribuindo o original a Martianus Capella: "The geometric sphere of Martianus Felix Capella, of Carthage in Africa, and a round and global figure of the extent of the earth with its various divisions and the double band of the ocean which

surrounds the world” (Uhlen, 1993, p. 307). Estes mapas, que se baseiam no desenho de Capella, contêm um oceano equatorial, mas são bastante diferentes dos mapas de *zonas macrobianas*. A eclíptica geralmente é mostrada, com os doze signos do zodíaco, e a generalização dos litorais é de natureza arredondada. A maioria destes mapas está caracteristicamente orientada para o Leste (embora alguns mostrem uma orientação norte) e possuem uma grande quantidade de texto no continente sul. As zonas climáticas podem ou não ser mostradas explicitamente. Ilhas de formato regular são geralmente encontradas no oceano que circunda o norte do continente.

Como mencionado, o *Liber floridus* é uma enciclopédia que contém extratos de cerca de duzentas autoridades, incluindo o Venerável Beda, Agostinho, Macróbio, Isidoro de Sevilha, Marciano Capella e Hrabano Mauro. Lambert completou o texto no mosteiro beneditino em St. Orner (perto de Calais) em 1120 ou 1121. Cópias de seu *Liber floridus* foram consideradas “sem dúvida uma das criações mais impressionantes do românico do norte e da pintura de livros do início do gótico” (Uhlen, 1993, p. 305). O manuscrito mais antigo de Ghent é o autógrafo de Lambert, e dez cópias sobreviveram com três redações principais. Os manuscritos são ilustrados, possivelmente pelo próprio Lambert. Cada cópia contém cerca de dez mapas diferentes.

Embora contenham uma Europa menos detalhada, tanto os manuscritos de Wolfenbüttel como os de *Paris* possuem um *mappamundi*³ completo, juntamente com uma adição especial e interessante. Raymond Beazley, em seu estudo de três volumes, *The Dawn of Modern Geography*, diz sobre o *Liber floridus* de Lambert que “Em nenhum outro lugar na cartografia medieval encontramos maior proeminência atribuída ao Desconhecido Continente Meridional” (Beazley, 1897, p. 570). O mapa mede 30 cm x 43 cm e aparece nos fólhos 69v-70r. Danielle Lecoq, na discussão mais extensa deste mapa específico nos manuscritos de Lambert, sugere que o mapa é inovador na forma como combina tradições.

No manuscrito de *Paris*, onde esta terra ocupa metade do círculo da terra, a inscrição define a “região do sul” em termos não muito diferentes daqueles usados no mapa de *St. Sever - Beatus*:

... de clima temperado, mas desconhecido dos filhos de Adão, não tendo nada que pertença à nossa raça. O Mar Equatorial [mediterrâneo] que aqui dividia as [grandes massas de terra ou continentes do] mundo não era visível ao olho humano; pois toda a força do sol sempre a aquecia e não permitia nenhuma passagem de

ou para esta zona sul. Neste último, porém, havia uma raça de antípodas (como acreditavam alguns filósofos), totalmente diferente do homem, pela diferença de regiões e climas. Pois quando somos abrasados pelo calor, eles ficam gelados pelo frio; e as estrelas do norte, que nos é permitido discernir, estão inteiramente escondidas deles... Dias e noites têm a mesma duração; mas a pressa do sol no final do solstício de inverno faz com que sofram o inverno duas vezes. (Lecoq, 1987, p.13)

Este mapa é o primeiro a representar os *Antípodas*⁴ separados de um continente australiano e de outras regiões, continentes e povos cuidadosamente distintos. Os *Antípodas* são insulares e singulares, e a ilha delimitada é pictoricamente classificada com outras ilhas, mas é impossível determinar a sua localização; na verdade, a “ilha” dos Antípodas atravessa hemisférios, entre pontos cardeais e atravessa oceanos.

A imagem em 69v (Figura 1) ocorre no Capítulo 110, “*Spera geométrica*”. O mapa está orientado para o leste como o mapa T-O, em vez de um *mappamundi* zonal macrobiano típico, que está orientado para o norte. O longo texto fora da Terra circular atribui a autoridade do mapa a Orósio, Ptolomeu e Marciano, enquanto no interior cerca de cento e quarenta nomes identificam e às vezes descrevem locais. Condensado na metade esquerda do círculo está o hemisfério norte e uma versão de um mapa T-O, os três rios claramente visíveis e pontuados com a ilha da Sicília. Acima e à esquerda da Sicília está Roma. A massa de terra à direita é igual em tamanho e forma geral ao Norte. A área principal da região é denominada *Auster*: é internamente indiferenciada por rios ou regiões separadas, e uma linha ondulada esquemática delinea seu limite, ao contrário daquelas que delinham o Norte com variações costeiras mais detalhadas (Destombes, 1945, p. 43).

O mapa de Wolfenbüttel pretende apresentar ao mesmo tempo não apenas a metade oriental dos hemisférios norte e sul, mas também a metade ocidental, ou a face reversa da seção longitudinal. Na borda inferior do círculo, logo à esquerda da lombada do manuscrito, a maior de uma série de ilhas contém o rótulo: “*Aqui vivem nossos antípodas, mas eles resistem noite e dia opostos aos nossos, e no verão*” (Hiatt, 2008, p. 107). A inscrição, identificando implicitamente a ilha antípoda em relação ao *oikoumene*⁵ [mundo habitado conhecido], pertence ao quadrante sudoeste do globo, diametralmente oposto ao mundo conhecido. A imagem, porém, não corresponde exatamente à referência textual. Embora a parte inferior do hemisfério ocidental apareça à vista, ela é deslocada no processo de sul para norte. Assim, no contexto do *mappamundi* como um todo, a ilha aparece como os

Antípodas, não do *oikoumene*, mas sim do *anteioihei*, ou quadrante sudeste, representado na página direita da abertura.

A aparente disparidade entre o que a frase inscrita diz e o que a imagem mostra tem a sua origem no princípio subjacente à composição do mapa. Se considerarmos apenas a metade do planisfério na página esquerda, temos diante de nós um mapa do *oikoumene* tripartido ao qual a ilha antípoda foi corretamente anexada no sudoeste. Sobreposto, por assim dizer, a este esquema está um mapa zonal ou hemisférico orientado para o norte, girado um quarto de volta no sentido anti-horário para uma orientação leste; esta operação deixa o hemisfério sul, a metade direita do mapa, inteiramente confinado a uma página da abertura. A fusão dos dois tipos de mapas (*ecúmeno*⁶ e *hemisférico*) depende de uma ilha antípoda, que conseqüentemente desempenha uma função dupla como diametralmente oposta tanto do *oikoumene* quanto do *anteoikoi*⁷ (Kimble, 1938, p. 8-9). Longe de se apresentar como uma representação mimeticamente equivalente da realidade geográfica, o mapa do *Liber floridus* de Wolfenbüttel elabora metodicamente um modelo conceitual por meio de uma lógica puramente pictórica. Com a mudança dos Antípodas para uma posição onde a ilha serve um duplo propósito, o mapa consegue uma exibição abrangente da esfera terrestre quadripartida que ilustra mais completamente, ou evoca, as fontes da antiguidade tardia de Lambert, Macrobius e Martianus Capella.

Figura 1 - Antípodas



Fonte: Lambert of St. Omer, Martianus Capella, Ghent, 1120 A.D.

E onde fica a ilha dos *Antípodas*? O mapa de Lambert (Figura 2) distingue entre o mar (ou mares), que dividem o Norte continental do Sul, e o Rio Grande

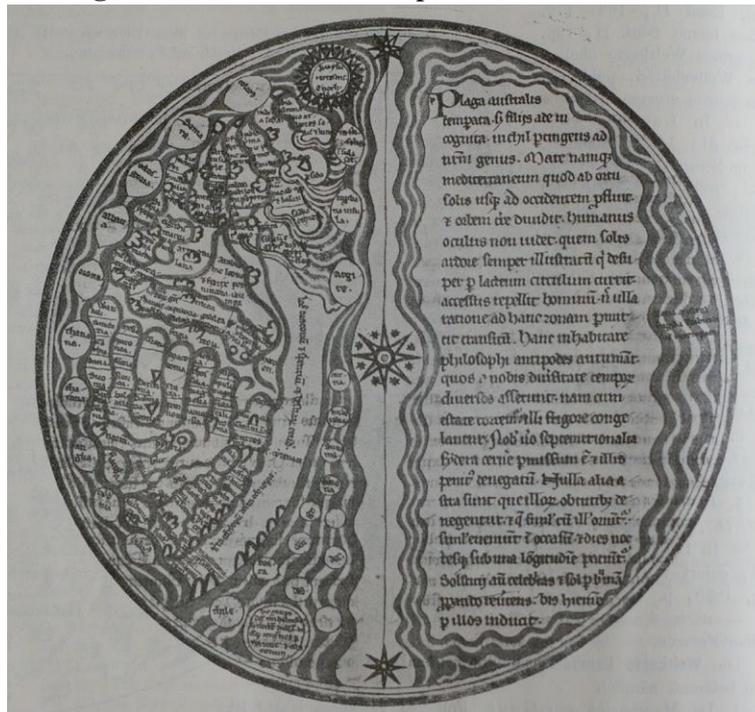
Oceano, que circunda o globo. O primeiro, como vimos, é o oceano (duplo) equatorial, e a esquerda do oceano ou oceanos equatoriais no centro inclui, no centro inferior da área triangular, o Atlântico ao largo da costa de África, que contém as ilhas de Beata, Godes, Briona, Canaria e outras ilhas com e sem nome. Dentro do Grande Mar Exterior, no Norte, na extrema esquerda e estendendo-se ao redor do canto inferior esquerdo, estão as ilhas de Thatania, Anglia, Hybernia, Hyberus, Thyle e assim por diante. Thyle ou Thule e Hyberus ou Hyperborea sinalizam tradicionalmente as terras mais ao norte. Tal como o Paraíso Terrestre, que também ocupa este mar exterior, a localização destas ilhas indica que a sua localização é separada da costa dos três continentes da Europa, África ou Ásia. Este último oceano circular é tradicional, designando também uma disjunção entre o mundo conhecido e o mundo desconhecido. Porém, a ilha dos *Antípodas* atravessa oceanos. Situa-se fora do Mediterrâneo, no Atlântico, a oeste dos Pilares de Hércules⁸, e está no extremo Norte ou Nordeste porque aparece ao lado de Thule, a ilha mais ao norte de acordo com a tradição medieval. Também atravessa o Atlântico (que se junta ao oceano equatorial) até o Grande Mar, que circunda toda a Terra. Está, portanto, potencialmente também no sudoeste, próximo, embora distinto, do continente australiano, que é o que sugere a nota sobre os diferentes dias e noites, e as estações opostas. Num mapa que toma muito cuidado na especificação de localizações, os *Antípodas* de Lambert não podem, no final, ser fixados. Isto, segundo Matthew Goldie, é uma sinédoque, por assim dizer, do papel preocupante que os *Antípodas* desempenham na epistemologia geográfica medieval (Goldie, 2010, p. 42).

O *mappamundi* de Wolfenbüttel não visa apenas conciliar duas fórmulas cartográficas. Mais importante ainda, procura resolver a tensão entre as verdades científicas e teológicas, harmonizando a terra, da qual o *oikoumene* é apenas uma pequena porção, com o mundo, o palco onde se desenrola a história da salvação. Os *Antípodas*, o polo ocidental do globo, de acordo com o mapa, tem o Paraíso Terrestre como sua contraparte no polo oriental (também fora do centro). A ilha do Paraíso rodeada de chamas é, graças à Queda, inacessível para “nós”, isto é, para a humanidade. No entanto, o Paraíso permanece ligado ao mundo habitado através dos quatro rios que fluem da sua nascente no Éden. Assim como o *oikoumene* parece jorrar visualmente do Éden, suas populações também são geradas a partir de Adão e Eva. Em contraste, os *Antípodas* estão completamente isolados.

Autores cristãos contestaram a antiga proposição de que terras além do

oikoumene poderiam ser habitadas, pois a existência de povos não descendentes dos filhos de Adão contradizia as escrituras (Pérez, 2014, p. 46). Como raciocinou Santo Agostinho, mesmo que do outro lado da terra as águas do oceano tivessem recuado para permitir o surgimento de terra, isso não se segue que tal terra foi povoada. Ele achou evidentemente “ridículo demais sugerir que alguns homens pudessem ter navegado do nosso lado da terra para o outro, chegando lá depois de cruzar a vasta extensão do oceano, de modo que a raça humana deveria ser estabelecida lá também pelos descendentes do um primeiro homem” (Agostinho 2018, p. 1477). A imagem cartográfica no *Liber floridus* de Wolfenbüttel, deixando os *anteoikoi*⁹ e os *Antípodas* em branco e desarticulados, define pictoricamente os continentes não ecuménicos como a antítese do mundo conhecido e, assim, reconhece o seu vazio.

Figura 2 - Zonal World map from *Liber Floridus*



Fonte: Lambert St Omer Cod. Gud. Lat I, folios 69v-70r Wolfenbüttel Herzog-August Bibliothek,

No entanto, os textos inscritos tanto na pequena ilha antípoda como na costa sul, na metade direita do planisfério, são mais ambíguos. A legenda de uma linha do primeiro trata a palavra Antípodas como o sujeito gramatical dos verbos “viver” [habitante] e “suportar” [*perferunt*]. A extensa lenda sobre este último admite que a zona temperada meridional é desconhecida dos filhos de Adão, mas em vez de

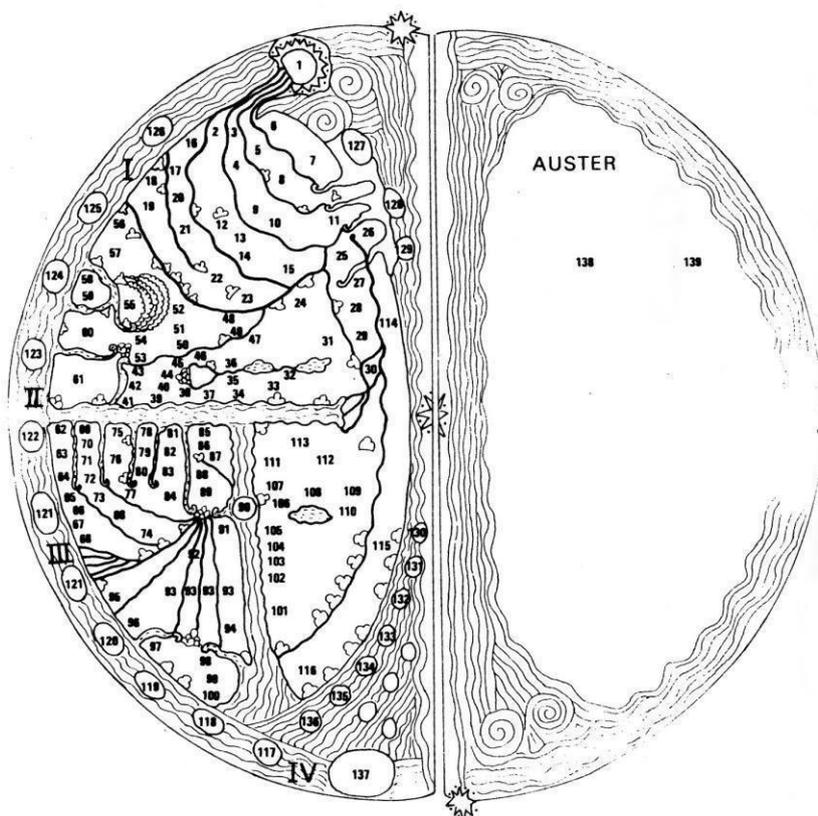
refutar a possibilidade de habitação da terra, impugna a humanidade de quaisquer populações que possam existir ali (Delumeau, 2000, p. 86). O uso da palavra *Antípodas* nestes contextos regista uma mudança semântica que remonta a Isidoro de Sevilha, que confundiu as distinções geográficas da terminologia clássica e transformou-a num termo genérico para os povos fabulosos da desconhecida parte sul do mundo (Seville, 2006, p. 168). Texto e imagem funcionam juntos como uma unidade, a imagem eliminando aqueles cuja humanidade a mais longa das duas inscrições nega.

As ideias aqui expressas são complementadas pela sugestão de mais dois continentes desconhecidos ou “ilhas terrestres”, um no norte e outro nos hemisférios sul [ocidental], situados na extensão de um grande oceano que tudo circunda e divide. Portanto, são assumidas quatro massas de terra; destes, os dois primeiros eram constituídos pelo antigo *oikoumene* e pela região Australiana que acabamos de descrever. As outras duas massas de terra estavam no outro lado do globo (correspondendo em alguns aspectos aos continentes norte e sul-americanos de descobertas posteriores) e foram divididas por um braço tropical do grande oceano, da mesma forma que as duas ilhas do hemisfério oriental. Este conceito reflete, integralmente, a teoria dos antigos geógrafos como Catres de Mallos, de 180 a.C. filósofo grego¹⁰. Os mapas atuais de Lambert, no entanto, apenas indicam o 'terceiro' e o 'quarto' continentes (aqueles do hemisfério ocidental), colocando pequenos círculos nas margens do Mundo Romano, ou Terra Habitável, respectivamente intitulado Paraíso, a nordeste, e Nossos Antípodas ao sudoeste. A ideia de um curso submarino de rios desde um Paraíso transoceânico até o *oikoumene* era uma crença comum durante a Idade Média. “Nossos Antípodas” devem ser claramente entendidos como as massas continentais exatamente opostas à Europa e a África, do outro lado do globo, habitadas por seres vivos (mas aparentemente não humanos), e que têm dia e noite numa “relação oposta” aos que vivem na Europa; enquanto a ilha Paraíso deve provavelmente ser interpretada, da mesma forma, como precisamente antípoda do continente australiano (Baratin, 1998, p. 95). A expressão gráfica destas ideias nos mapas de Lambert deriva de diversas fontes. Primeiro, há a sugestão de uma forma T-O no contorno geral de “Nosso Mundo”. Especulações de uma antiguidade muito mais elevada podem ser rastreadas na aparente indicação da Eclíptica nos mapas mundiais de Ghent e Wolfenbüttel (na forma de uma linha torta que atravessa o Equador e marcada por três imagens estelares), na obliquidade da órbita do Sol caminho é claramente

sugerido. Em terceiro lugar, é claro, está a provável fonte de mapas mundiais anteriores de Macrobius e/ou Martianus Capella (Wroth, 1944, p. 122).

Se as concepções “universais” de Lambert dependem tão estreitamente dos antecedentes clássicos, pode-se esperar que o material detalhado dos mapas também apresente um carácter marcadamente antigo; e, de fato, a relação entre os geógrafos medievais e os da época imperial posterior raramente é encontrada em uma expressão mais completa (Edson, 1999, p. 131). A maioria das 180 inscrições são inteiramente antigas e devem, portanto, referir-se a um desenho perdido do antigo mundo romano; as principais adições a este material pré-medieval foram feitas a partir da geografia do próprio período de Lambert. Não devemos, contudo, supor que o *mappamundi* de Lambert (figura 3) seja simplesmente uma compilação de um grande número de escritores. Não é impossível que os mapas de Lambert, com exceção de alguns nomes de lugares, tenham sido retirados de um esboço do mundo antigo do século IV ou V d.C. Mas mesmo que tenham sido o resultado (em suas linhas gerais) de um original perdido nos dias do antigo Império, ou emprestado diretamente de Capella, foi obviamente bastante modificado pelo seu redator do século XII e, pelo menos em parte, pertence verdadeiramente ao período medieval central. Quanto a isso podemos notar especialmente algumas das ilhas escolhidas para serem exibidas por Lambert, como Tritônia, aparentemente um nome do rio Tritão, na Etiópia; Betânia [Grã-Bretanha], colocada contra os Pilares de Hércules; as Baleares, definidas simplesmente como contra a Espanha, mas localizadas no oceano; Orcades, ou ilhotas britânicas, trinta e três em número, situadas contra Betânia e Gotha.

Figura 3- O mappamundi de Lambert de Saint-Omer



Fonte: Lambert de St. Omer, *Liber Floridus*; Local de origem, data: Lille e Ninove; 1460;

Material: Velino, ss. 225, 408 x 286 (304 x 215) mm.

Feito para Pierre de Goux et de Wedergraete (falecido em 1471). Filipe de Cleves (1456-1528); adquirido em 1531 de sua propriedade por Henrique III, Conde de Nassau (falecido em 1538); por herança aos Príncipes de Orange-Nassau, os posteriores Stadtholders, em Haia, Biblioteca Nacional Koninklijke Bibliotheek

Discernível em alguns dos exemplos de Lambert mostrados aqui, os mares e rios são geralmente coloridos de verde, as montanhas de vermelho, mas cada uma das três cópias do mapa-múndi manuscrito oferece peculiaridades próprias. O manuscrito de Ghent fornece o mapa mais detalhado da área europeia; só o manuscrito de Wolfenbüttel fornece a Filístia, a Palestina, a Bácia e as montanhas do Touro e do Cáucaso; só o manuscrito de Paris contém Gália, Comata, Tróia e a inscrição australiana (uma descrição semelhante, porém mais curta, do Oceano Antártico ocorre em um dos pequenos mapas de zona do *Liber Floridus*).

Além do mapa-múndi, o manuscrito de Paris contém (com certas diferenças) vários dos desenhos menores que também são encontrados na cópia de Ghent da

enciclopédia lambertiana. Assim, temos Augusto César (Figura 4) segurando um mundo T-O na mão esquerda, um esboço astronômico e uma figura de contorno do “globo terrestre”. No mapa mundial de *Paris* faltam todos os nomes de mares; o Mediterrâneo é indistinguível de um rio; e os continentes carecem de qualquer diferenciação clara. Além disso, a escrita textual é extremamente difícil e o material de Lambert foi tão reorganizado que não é fácil, em alguns casos, encontrar concordância com as indicações da cópia de Ghent.

Figura 4 - Augusto César segurando um mapa T/O



Fonte: Rijksuniversiteit, MS. 92, Ghent.

Além das fontes mencionadas anteriormente, o *Liber Floridus* de Lambert também se baseou em autoridades medievais como Santo Isidoro, Orósio, Júlio Honório, Pompônio Mela, Solinus, o Venerável Beda, Raban Maur, os Pseudo-Calístenes e a Bíblia. Existem pelo menos oito manuscritos do texto preservados nas bibliotecas da Europa, e foi mencionado com muitos elogios por escritores do século XIII.

Lambert desenhou um mapa mundial detalhado em formato zonal. O Leste está no topo com o Paraíso, um pequeno raio de sol à esquerda do centro superior, com rios (Tigre, Eufrates, Nilo, Ganges) fluindo dele para a Ásia. A ilha logo no canto inferior esquerdo do centro são os Antípodas. As duas massas de terra mostradas são divididas pelo oceano atravessado pela eclíptica solar. À direita, um texto descreve o “*continente meridional temperado, desconhecido dos filhos de*

Adão” (Scafi, 2006, p. 144)

Os quatro rios são mostrados fluindo do Paraíso. Eles não são nomeados no mapa, mas são discutidos em outras partes do manuscrito. O rio Jordão, com a sua dupla nascente nas montanhas do Líbano, fluindo através do Mar da Galileia até ao Mar Morto, também é claramente visível. Além disso, existem nomes bíblicos (Judéia, Galiléia, Filístia, Palestina, Iduméia) usados por Marciano, que não era cristão, mas não no contexto da Bíblia. Os nomes bíblicos que Lambert escolheu usar são significativos. Ele mostra o Paraíso como uma ilha no Extremo Oriente com Enoque e Elias, ambos acreditavam na Idade Média ter sido transportado para o Paraíso sem o doloroso expediente de morrer. Ele também nos dá Moabe, Ogue e Basã, a leste da Terra Santa, como referência a Deuteronômio 1.4-5 que descreve a posição dos israelitas no 40º ano de sua peregrinação. Eles haviam derrotado recentemente o rei Ogue de Basã e naquela época estavam na terra de Moabe. Em outros lugares, no extremo nordeste, estão as 32 nações selvagens confinadas num recinto (identificado com Gogue e Magogue confinados por Alexandre, o Grande) (Galichan, 2007, p. 142-143).

Figura 5 - Mapa mundial zonal



Fonte: Lambert de St. Omer, Martianus Capella, Cópia de Ghent, 1120 d.C.

O quarto continente ou continente meridional aparece no lado direito do mapa (figura 5), coberto por um longo texto descritivo de Martianus Capella. Além

disso, Lambert também coloca uma pequena ilha no extremo oeste, que ele chama de Antípodas, observando que os habitantes daqui têm noite quando nós temos dia e vice-versa. Várias sugestões foram feitas em relação a esse recurso. Poderia ser uma indicação da descoberta nórdica de Vinland? Voltando a Martianus Capella, de onde extrai sua inscrição abreviada, Lambert parece estar tentando indicar um pedaço de terra no lado oposto do mundo. Os problemas de representar uma esfera em um pedaço de papel plano sempre atormentaram os cartógrafos. A solução de Lambert – colocá-lo na margem do seu mapa, como o Alasca e o Havai num mapa dos EUA. Sua referência aos dias, às noites e às estações só pode referir-se a um continente na metade sul do hemisfério ocidental.

O contexto histórico do mapa de Lambert foi minuciosamente analisado por Danielle LeCoq. A Ásia, diz ela, representa o passado, a rica era de ouro da humanidade, mas também o futuro, enquanto Enoque e Elias aguardam no Paraíso terrestre pelo último dia. A Europa é palco de acontecimentos presentes, mas estão incluídos sinais do seu passado. Na própria região de Lambert, Flandres, o nome moderno é colocado ao lado de ‘*Morini*’, a tribo que se estabeleceu lá na época romana. A Itália é rotulada como ‘*Magna Grécia*’, assim como a Itália. A Ilha de Scanzia ou Scandia é mostrada como a origem dos povos góticos. A África, abaixo da conhecida costa norte, é uma terra de desertos, “cheia de dragões, serpentes e feras cruéis”. Sua maldita herança de Cam é agravada pela atual ocupação pelos filhos de Ismael (Lecoq, 1987, p. 12)

O mapa de Lambert e os mapas de Beatus são os únicos exemplos desenvolvidos do que tem sido chamado de *mappaemundi* “intermediário”, “quarto continente” ou “quadripartido”. Após afirmações de que a Zona Sul da Austrália no mapa de Lambert é “desconhecida pelos filhos de Adão” e uma descrição das barreiras à comunicação, Lambert diz sobre Auster: “Os filósofos afirmam que é habitada. Afirmam que é diferente de nós por causa do clima oposto, pois no verão somos queimados enquanto eles ficam congelados pelo frio.” Isto é, ele hesita; ele não afirma que a região austral seja habitada, mas atribui a ideia a outras. A coluna de texto mais à direita no continente australiano é rotulada como *Zona australis* (provavelmente a mais externa, isto é, a mais meridional, uma e não toda a região), que é descrita como “congelada, inabitável, intemperada”. Mais perto do equador, a escrita longa à esquerda inclui a seguinte observação: “dias e noites são vivenciados ao mesmo tempo em uma longitude. Além disso, a velocidade com que o sol se aproxima do solstício e rapidamente volta através da geada traz-lhes dois

invernos.” A ideia por trás desta passagem é bastante comum no pensamento mundial medieval, demonstrando a crença de que a zona do Sul mais próxima do equador teve dois invernos por causa da órbita excêntrica do Sol.

Enquanto Lambert de St. Omer trabalha dentro de uma tradição um tanto estreita quando retrata um grande continente meridional em seu mapa-múndi, ele é único quando, no canto inferior direito do hemisfério norte no mar, retrata e identifica uma grande ilha. A ilha traz a seguinte lenda: “Aqui vivem os nossos antípodas, mas suportam uma noite diferente e dias contrários e o verão também”. Uma linha vermelha em negrito circunda a ilha antípoda. A mesma linha só aparece em outros lugares selecionados do mapa- múndi: ela faz fronteira com toda a Terra, designa a eclíptica e circunda o Paraíso Terrestre no topo do mapa no Extremo Oriente. Linhas pretas contornam as ilhas restantes, bem como os limites da Europa, Ásia e África. Danielle Lecoq argumenta que a linha significa que os antípodas são “inacessíveis”, sugerindo que Lambert reconhece a tradição, mas não segue qualquer autoridade ao mostrar uma ilha antípoda (Lecoq, 1987, p. 32)

Os nomes no mapa principal são em grande parte de províncias, com apenas algumas montanhas, rios ou cidades incluídas, enquanto os povos do mundo são apresentados no ‘mapa de lista’. O conteúdo histórico dos mapas de Lambert só é totalmente compreendido quando se olha para as partes escritas do manuscrito. Alguns expandem o assunto do lugar, com listas e descrições de lugares, enquanto outros preenchem a narrativa histórica que dá sentido ao esquema básico dos mapas. Assim, embora ele possa ter copiado o esboço principal de seu mapa de Marciano, o contexto, bem como seus acréscimos, definitivamente cristianiza seu mapa.

A inscrição na ilha do Paraíso diz-nos que o Jardim do Éden é o local de descanso de Enoque e Elias, que esperavam no local onde a história humana começou pela vinda do Anticristo no final dos tempos. O mapa também mostra Gog e Magog, aquiconfinados a uma ilha num canto do nordeste da Ásia, rodeados por um anel semicircular de água, chamado *mare caspium*, é uma ilha na qual estão as palavras *gog magog*, outra referência à lenda de Alexandre. Isto parece combinar bem com a visão contemporânea de Gervásio de Tilbury (c.1150-c.1220), que escreveu na sua *Otia imperialia* (uma coleção de geografia, história e curiosidades, composta por volta de 1212 para o entretenimento de Otto IV), que na “Índia existe um Mons Caspius, que dá nome ao Mar Cáspio, entre o qual e o [mesmo] mar Gog e Magog, povos mais selvagens, foram cercados por

Alexandre.” O Extremo Oriente ainda está psicologicamente muito distante no século XII, o contexto original deste mapa. A posição de Gog e Magog, logo além de “*Babilon*”, dentro ou à beira do Mar Cáspio, indica uma visão de um mundo muito menor do que os mapas posteriores (como os de Ebstorf e Hereford) representaria (Galichan, 2007, p. 147) O Mediterrâneo tem uma ilha no seu centro, a Ilha da Sicília. O oceano circundante está repleto de muitas outras ilhas, a mais ocidental das quais é Thyle [Islândia], enquanto há duas Hybernias [Irlanda] e uma Anglia, situadas na posição quase correta no mapa. Na Europa os nomes das províncias representadas são Germânia (duas vezes), Gália (França, 4 vezes), Hispânia, Veneza, Itália, Magna Grécia [Grande Grécia - também referindo-se à Itália], Roma e outras - 49 topônimos ao todo. A África, que fica à direita do Mediterrâneo, inclui os nomes da Mauritânia, Numídia, Líbia, Etiópia e outros. O Egito é mostrado no território da Ásia.

A partir do significado geográfico atribuído às Ilhas Afortunadas¹¹ por Plínio, o velho na sua *Naturalis Historia* (século II), este arquipélago torna-se uma das referências descritivas para trabalhos teóricos da Idade Média. O tratamento geográfico dado por Plínio, o Velho às Ilhas Afortunadas na sua *Naturalis Historia* é talvez o contributo mais importante para o conhecimento teórico deste arquipélago. Com base no testemunho de alguns autores anteriores, como Estácio Seboso ou Juba II (rei da Mauritânia que organizou uma expedição a estas ilhas por volta do século II), Plínio afirma a localização, as distâncias e (talvez mais importante) os nomes das ilhas (Plínio, O Velho, 1995, p. 421-425), informação que seria utilizada por muitos dos mais importantes estudiosos e escritores da Idade Média. Autores como Martianus Capella (século V), Rabanus Maurus (século IX), Hugo de São Vítor (século XII) e Vicente de Beauvais (século XIII), em maior ou menor grau, baseiam suas descrições nas contribuições de Plínio e Isidoro, vendo estas ilhas de um ponto de vista geográfico e não meramente paradoxográfico. Este ponto de vista torna-se um fio condutor que liga todas as referências às Ilhas Afortunadas perto dos limites ocidentais da Mauritânia, ou seja, além das últimas bordas do mundo continental: “Eles estão situados no oceano, contra o lado esquerdo da Mauritânia, mais próximo de onde o sol se põe, e são separados um do outro pelo mar intermediário” (Seville, 2006, p. 148). Em sua *História Contra os Pagãos* (século V), Paulo Osório estabelece uma relação fundamental entre as Ilhas Afortunadas e a sua localização geográfica: “Os limites ocidentais da África são os mesmos que os da Europa: nomeadamente os estreitos do estreito de Cádiz. No

entanto, o seu fim é o Monte Atlas e as chamadas Ilhas Abençoadas”. (Osório, 1986, p. 537)

Esta representação é gradualmente transferida para um plano gráfico, com uma série de mapas-múndi que incluem as Ilhas Afortunadas no mesmo nível de outras ilhas como Thule e Islândia, que também marcam a última parte conhecida do mundo antes do abismo. Esta ideia também pode ser observada no mapa conservado na Bayerische Staatsbibliothek em Munique, aqui, nos confins mais extremos do mundo, seis pequenos pedaços de terra (for-tu-nate-in-su-le) indicam a presença das Ilhas Afortunadas em frente à costa ocidental da Mauritània (Wittmann, 2016, p. 66-67).

Figura 6 - Mapa mundial zonal de *Liber Floridus*



Fonte: Cod. Gud. Lat I, fólhos 69v-70r, 41,3 cm de diâmetro Lambert St Omer século 12 Biblioteca Herzog-August, Wolfenbüttel

Um texto na margem superior esquerda (figura 6) apresenta o mapa como derivado de Martianus Capella. Preenche dois fólhos adjacentes e tem largura de 39,2 cm. Uma das principais diferenças em relação aos mapas zonais discutidos em Macrobius é que o *mappamundi* de Lambert de Saint-Omer está orientado para o Leste, não para o Norte. Neste layout, a terra norte em que vivemos está no primeiro fólho e a terra sul no reverso, ambas separadas pelo oceano e pela eclíptica solar, representada por uma linha oblíqua em cujas extremidades e centro encontramos estilizados sóis, na junção dos dois fólhos. No que diz respeito à *oikoumene* [terra habitada], um sistema de canais aquosos em forma de “T”, uma reminiscência dos mapas T-O, separa os três continentes: Ásia, Europa e África.

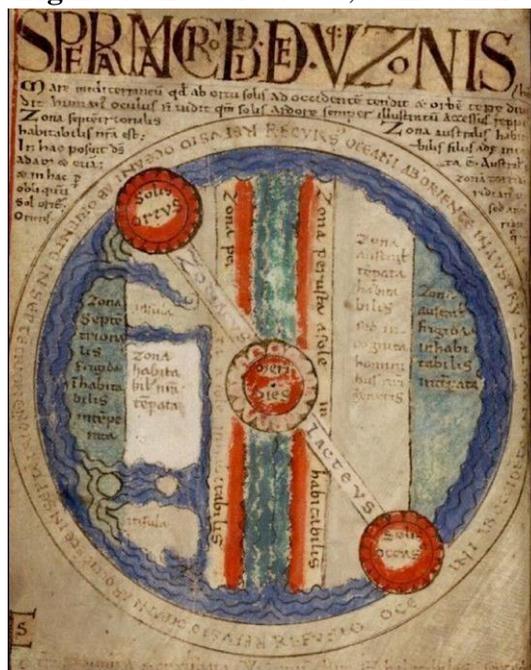
No extremo leste está localizado o Paraíso Terrestre ilustrado na forma de um sol dentro do qual encontramos a referência a Enoque e Elias (*paradysus terrestris Enoc Hefyas*), visto que, segundo os textos bíblicos, Deus levou esses indivíduos para lá sem que eles tivessem passado pela morte (Kupper, 2020, p. 261). Deste lugar fluem os quatro rios do Paraíso que se transformam em rios terrestres para irrigar a Ásia. Da mesma forma, no extremo norte deste continente encontramos um texto alusivo à lenda do cerco de *Gog e Magog* por Alexandre o Grande, que gozou de tanta popularidade na Idade Média: *Hic inclusit Alexander regna XXXII* [Aqui Alexandre incluiu os trinta e dois reinos]. As terras do norte são totalmente cobertas por acidentes geográficos, como rios e montanhas, cercadas por ilhas de formato oval e circular, e repletas de numerosos nomes toponímicos. Estes são principalmente de origem antiga (Kupper, 2020, p. 283).

O terreno meridional compreende a zona temperada e habitada, e a zona fria habitável. Uma grande legenda na zona temperada alude ao fato de ser desconhecida dos filhos de Adão e de ser habitável pelos antípodas:

Região Sul, temperada, mas desconhecida dos filhos de Adão, não estendendo nada à nossa raça. Pois o mar que fica entre as terras, que corre de leste a oeste e divide o mundo, não é visível ao olho humano, que está sempre iluminado pelo calor do sol, que de cima atravessa a Via Láctea. Repele a aproximação dos homens, nem permite de forma alguma o trânsito para esta zona. Homens instruídos afirmam que os antípodas habitam esta zona) (Hiatt, 2007, p. 156)

Além disso, no extremo sudoeste do *oikoumene* surge um mundo em forma de ilha de grandes dimensões em que há mais uma vez uma alusão aos antípodas: *Hic antípodas nostri habitant sed noctem diversam diesque contrarios perferunt et statem* [Aqui nossos antípodas vivem, mas vivenciam noites diferentes e dias contrários, e o verão] (Hiatt, 2007, p. 51). A repetição de um mundo povoado por antípodas no Ocidente, bem como a sua aparência tradicional no Sul, tem sido justificada pela dificuldade implícita na representação da terceira dimensão e da natureza esférica do mundo.

Figura 7 - *Liber Floridus*, Saint-Omer



Fonte: MS 92, fol. 24v 1121 Universiteits Bibliotheek, Ghent

Em vez disso, foi o carregamento do T-O que, a partir do início do século XII, pressionou o esquema zonal macrobiano. Lambert de Saint-Omer implantou ambos os esquemas várias vezes em seu *Liber Floridus* (ca. 1112–1121). Ele não se contentou apenas em reorientar o modelo macrobiano para o leste (Ghent, Universiteitsbibliotheek, MS 92, fol. 24v – figura 7) ou mesmo em complementá-lo adicionando material à zona temperada do norte, uma solução adotada em uma abertura de página dupla (fols. 92v– 93r – figura 8). Ele usou outra abertura para aninhar um mapa discreto e completo do *orbis terrarum* dentro de uma composição hemisférica. Agora ausente do autógrafo de Ghent, o mapa híbrido sobrevive em sete das nove cópias do *Liber Floridus*, a mais antiga, do terceiro quartel do século XII, considerada a testemunha mais confiável do conceito original de Lambert (Wolfenbüttel, HAB, Cod. Guelf. 1 Gud. lat., fols. 69v– 70r). Na sua fusão dos esquemas T-O e Macrobianos, Lambert sacrificou uma fração quase igual de cada um. A barra horizontal do T se estende por três quartos do *oecumene* ovoide, enquanto o mundo habitado empurra para fora a zona frígida do norte. A realização parcial dos dois esquemas colide principalmente com o modelo macrobiano. No entanto, apesar do resumo deste último, a massa de terra austral para a qual Lambert reserva todo o reto exerce uma força visual convincente. Seu vazio geográfico complementa e frustra a arena no verso oposto ocupada por uma humanidade caída. A abordagem de Lambert à hibridização dos paradigmas hemisférico e ecumênico permanece

única. Os mapas associados à *Philosofia* de Guilherme de Conches¹² (ca. 1125–30) abriram caminho para uma solução diferente, adotada ca. 1200 em um acréscimo à Bíblia de Arnstein de 1170¹³ (London, BL, Harley MS 2799, fol. 241v). Lá, um T-O expansivo preenche a maior parte do círculo, truncando as outras zonas em faixas restantes (Köllner, 1972: 37)

Marcia Kupfer escreve que a Idade Média ocidental desenvolveu sua própria cartografia pictórica na qual a cor, o padrão, a intencionalidade mimética e uma iconografia cada vez mais rica poderiam realçar a estrutura geométrica controladora ou ter precedência visual por completo. O esplendor cromático transforma os mapas macrobianos no *Liber Floridus* de esquemas geométricos em pinturas em miniatura esteticamente iguais às imagens pictóricas vibrantes da coleção de Lambert. Ao mesmo tempo, o padrão de cores esclarece visualmente o paradigma cartográfico: o vermelho usado para os discos solares (fol. 24v) define a zona tórrida, a reserva de pergaminho nu (com algum branco no fol. 24v) separa as zonas temperadas, e o azul claro (fol. 24v) ou o verde (fols. 92v–93r) esfria os polos, ao mesmo tempo que o mesmo tom também se estende pelo oceano equatorial (Kupfer, 2006, p. 255-256).

Figura 8 - Mapa mundial



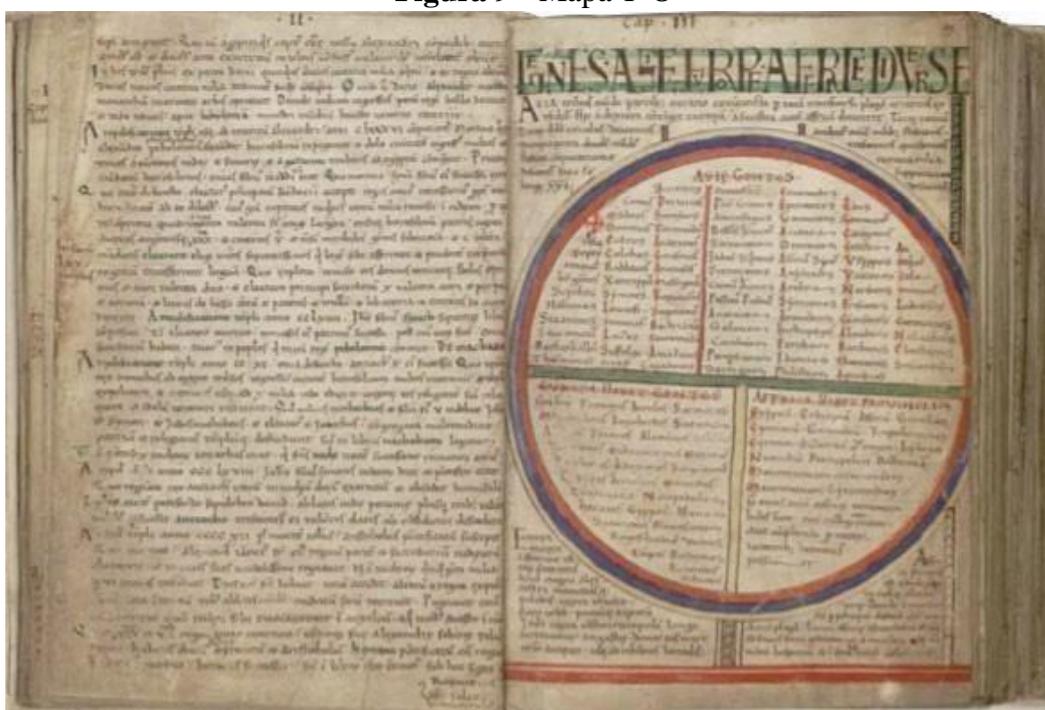
Fonte: Lamberto de Saint-Omer, *Liber Floridus*, MS 92, fol. 92v-93r, Ghent, Universiteitsbibliotheek.

O mapa híbrido de Lambert (figura 6) conseguiu ainda uma representação completa da esfera terrestre em três dimensões. As imagens de Colônia e carolíngias relacionadas, como observado acima, emulam a curva da esfera para sugerir que as zonas continuam em torno de seu lado inferior ocidental. Em contraste, Lambert espalha o globo para trazer a sua porção invisível para o plano cartográfico. A longa coluna de texto que percorre a zona temperada do sul atribui aos filósofos a crença de que ali habitam os antípodas (*Hanc inhabitare phylosophi antipodes autumant*) (Van Duzer, 2012, p. 405). Lambert introduz um segundo espaço antípoda. Uma pequena ilha na parte inferior do círculo, perto da sarjeta, traz a legenda “Aqui vivem nossos antípodas, mas eles suportam noites diferentes e dias contrários, e também verão” (*Hic antipodas nostri habitant sed noctem diversam diesque contrarios perferunt et[iam] et estatem*) (Van Duzer, 2012, p. 402). O perímetro vermelho, imitando o do círculo exterior, faz da ilha um mundo em si. A oposição diurna à nossa noite e dia indica a localização ao longo do eixo leste-oeste, enquanto a oposição sazonal indica a localização ao longo do eixo norte-sul. Para satisfazer ambas as condições, os “nossos antípodas” deveriam ser o nosso oposto diametral, ou seja, os habitantes do quadrante sudoeste do globo. Situada a sudoeste do T-O, a ilha antípoda pode ser lida como flutuando à vista do anverso da *plaga australis temperata* na página direita. Ao mesmo tempo, porém, no contexto da página dupla, a ilha pertence ao hemisfério norte. Lido como o anverso da nossa zona temperada no quadrante noroeste do globo, é antípoda à zona temperada ilustrada à direita. Ambas as leituras, baseadas na única ilha que cumpre o duplo dever antípoda, são igualmente válidas. A lógica mimética das imagens carolíngias dá lugar aqui a uma lógica combinatória na qual um único elemento atua em configurações alternativas viáveis.

As tensões concorrentes que caracterizam a tradição do T-O, a ordem textual, por um lado (os compartimentos que abrigam blocos de nomes), e a ordem topológica, por outro (distribuição geográfica dos topônimos), interagem criativamente na obra cartográfica de Lambert. Seu T-O de página inteira (Ghent, Universiteitsbibliotheek, MS 92, fol. 19r) inventaria povos para a Ásia e a Europa, mudando para províncias para a África. Os quadrantes ocidentais na metade inferior do círculo apresentam sequências horizontais de nomes, o padrão habitual para disposição do texto, da esquerda para a direita, dentro da figura T-O. As colunas verticais de nomes na Ásia podem lembrar um pouco os mapas T-O, onde um

alinhamento de cima para baixo de topônimos se correlaciona com a localização geográfica, mas as pilhas múltiplas e hiper-racionalizadas de Lambert não têm precedentes. Tanto na metade oriental quanto na ocidental, Lambert impôs uma ordem topológica, de leste a oeste e de norte a sul, nas inscrições. As listas colunares tão marcantes no T-O no fólio 19r, por sua vez, estruturam formalmente o layout topológico do mapa da Europa de Lambert, um quarto da figura do T-O (fol. 241r), e se infiltram no setor dedicado à Europa na porção T-O do híbrido preservado na cópia de Wolfenbüttel.

Figura 9 - Mapa T-O



Fonte: Lamberto de Saint-Omer, *Liber Floridus*, MS 92, fol.19r Ghent, Universiteitsbibliotheek

Como mencionado, o *Liber Floridus* é uma obra fundamental no enciclopédismo medieval, contendo uma enorme compilação de conhecimentos, incluindo história universal e natural, astronomia e geografia. Neste grande espólio podemos encontrar vários mapas de diferentes tipos, desde exemplos esquemáticos tripartidos (figura 9) até ao mapa que é considerado a representação cartográfica mais antiga da Europa. Um destes mapas inclui uma representação das Ilhas Afortunadas que alude a uma tradição proveniente de Plínio, o velho, mostrando alguns segmentos circulares de terra com os nomes das ilhas. Aqui, os *Fortunates* constituem a última fronteira entre o *oecumene* continental [mundo habitado

conhecido] e a *terra incognita*, que é descrita como ‘*zona australis frigida in habitabilis inte(m)perata*’ (UNGER, 2008, p. 195). Isto é uma reafirmação do papel das Ilhas Afortunadas como território insular fronteira entre o mundo conhecido e o espaço vazio, partilhando semelhanças representativas com ilhas como Thule, e mesmo com referências geográficas tradicionais diretamente relacionadas com os confins mais remotos e inexplorados do mundo como os *Antípodas*, representados numa massa circular de terra perto dos *Fortunates* (Wittmann, 2016, p. 68).

A compilação enciclopédica *Liber Floridus* criada pelo cónego flamengo Lambert de Saint-Omer no início do século XII sobrevive não apenas na forma de seu famoso autógrafo, mas também em um número considerável de manuscritos posteriores que transformaram o conhecimento por ele reunido e que se tornaram pontos de partida para novas apreciações de seus textos e imagens. Moldando o conhecimento examina os processos que determinaram esta transferência ao longo dos séculos e avalia as realizações específicas das diferentes gerações de escribas e iluminadores. Tendo em conta toda a gama de manuscritos que transmitem material do *Liber Floridus* e focando mais detalhadamente três deles – agora na Herzog August Bibliothek em Wolfenbüttel, na Universiteitsbibliotheek Leiden e na Biblioteca Nacional de Paris – mostra que os autores desses manuscritos não apenas selecionaram e copiaram material do *Liber Floridus*, mas também organizaram imagens e textos de novas maneiras, procuraram diferentes exemplares para eles e iniciaram suas próprias atividades compilatórias. Estas relações nos níveis textual, visual e conceitual são lentes através das quais podemos observar as redes que subsistem entre os manuscritos ligados ao *Liber Floridus* e o grupo muito mais amplo de compilações enciclopédicas a que pertencem.

O conceito de consciência de globalidade, entendido como diferentes níveis de percepção de que o mundo é um todo cujas partes são interdependentes, nos ajuda a interpretar a fonte e a compreender a abertura do mundo que ela revela e expressa. Ao nos abirmos para esse mundo, por meio das mãos e dos olhos do escriba, percebemos que o ser humano medieval construiu uma autoconsciência estreitamente ligada à consciência de um mundo cujas partes são interligadas e interdependentes, de modo que cada parte representaria um pequeno mundo completo, uma *imago mundi*. Em outras palavras, a consciência de globalidade está presente tanto no mundo quanto no indivíduo, pois ambos compartilham a mesma essência em diferentes escalas.

Referências:

- AGOSTINHO. *Cidade de Deus*: volume III. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 2018.
- BARATIN, Marc. Le De Grammaticis et Rhetoribus de Suétone: um texto polêmico? In: *História, Epistemologia e Linguagem*. Volume 20, fascículo 2, 1998, pp. 81-90.
- BEAZLEY, C. *The Dawn of Modern Geography*, volume II. London: Murray, 1897
Biblioteca Durazzo Giustiniani, MS A IX 9, fols 67v-68r. Koninklijke Bibliotheek, The Hague.
- Bibliothèque Nationale, MS. Lat. 8865 (Suppl. 10-2), Paris.
- CONCHES, William of. *A Dialogue on Natural Philosophy (Dragmaticon Philosophiae)*. Tradução para inglês com introdução de Italo Ronca e Matthew Curr. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1997
- DESTOMBES, M. *Mappemondes, A.D. 1200 – 1500*. Paris: Ciel et Terre, vol. 81, 1965.
- DELUMEAU, Jean. *History of Paradise: The Garden of Eden in Myth and Tradition*, New York: The Continuum Publishing Company, 2000.
- EDSON, E. *Mapping Time and Space: How Medieval Mapmakers viewed their World*. London: British Library, 1999.
- FABRÍCIO, Deyse; VITTE, Antonio. O Novo Mundo e as heranças medievais sobre o ecúmeno: raças plinianas, antípodas e cartografia. In: *Figura: Studies on the Classical Tradition*. Campinas, vol. 9, n. 2, p. 70.
- GALICHIAN, R. *Countries South of the Caucasus in Medieval Maps: Armenia, Georgia and Azerbaijan*. London: Printinfo Art Books, 2007.
- GOLDIE, M.B. *The Idea of the Antipodes: Place, People and Voices*. New York: Routledge, 2010.
- HARLEY, J. B. *The History of Cartography, Volume One*. Chicago: Chicago University Press, 1987.
- Herzog August Bibliothek, Codex Guelf. 1 Gud. Lat. (cat. 4305), fols. 69v-70r, Wolfenbüttel, Germany.
- HIATT, A. *Terra Incognita: Mapping the Antipodes before 1600*. Chicago/London: University of Chicago Press, 2008.
- KIMBLE, G. *Geography of the Middle Ages*. London: Methuen & Company, Limited, 1938.
- KÖLLNER, Herbert. Ein Annalenfragment und die Datierung der Arnsteiner Bibel in London. In: *Scriptorium: Revue internationale des études relative aux manuscrits*, vol. 26, 1972, 34-50.
- KUPFER, M. “Mappaemundi: image, artefact, social practice”. In: *The Hereford World Map, Medieval World Maps and their Context*, ed. P.D.A. Harvey, 2006, pp. 254-257.
- KUPFER, M. “The Rhetoric of World Maps in Late Antiquity and the Middle Ages”, In: *The Visualization of Knowledge in Medieval and Early Modern Europe*. Turnhout: Brepols (Studies in the Visual Cultures of the Middle Ages), 2020.

LAGOS-ABURTO, Leslie; MONTANARES-PINA, Felipe. La geografía en la historiografía helenística. El concepto de oikoumene en las Historias de Polibio. Byzantion nea hellás. *Santiago*, n. 39, p. 101-124, dic. 2020. Disponible en <http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S071884712020000100101&lng=es&nrm=iso>. accedido en 17 feb. 2024. <http://dx.doi.org/10.4067/S0718-84712020000100101>.

LECOQ, D. La Mappemondedu Liber Floridus ou La Vision du Monde de Lambert de Saint Omer. In: *Imago Mundi*, 39 (1987), 9-49.

NORONHA, Isabel. A corografia medieval e a cartografia renascentista: testemunhos iconográficos de duas visões de mundo. In: *História, Ciências, Saúde. Manguihos*, v.3, 2000, p. 681-687.

OSÓRIO, Paulo. *História contra os Pagãos*. Esboço duma História da Antiguidade Oriental e Clássica, trad. e notas José Cardoso, introd. Lúcio Craveiro da Silva, Universidade do Minho, 1986

PÉREZ, Sandra. *The Beatus Maps: The Revelation of the World in the Middle Ages*, Burgos: Siloé arte y bibliofilia, 2014.

RANDLES, W. G. L. *Da terra plana ao globo terrestre: uma rápida mutação epistemológica (1480-1520)*. Lisboa: Gradiva, 1990, p.11.

Rijksuniversiteit, MS. 92, Ghent.

SCAFI, A. *Mapping Paradise: A History of Heaven on Earth*. Chicago: University of Chicago Press, 2006.

SEVILLE. *The Etymologies of Isidore of Seville*. Edited and translated by Stephen A. Barney, Irvine, W. J.; Oliver Berghof. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

UNGER, R. W. *Cartography in Antiquity and the Middle Ages: Fresh Perspectives, New Methods (Technology and Change in History)*, 2008, p. 195.

VAN DUZER, C. *Hic sunt dracones: The Geography and Cartography of Monsters*. In: *The Ashgate Research Companion to Monsters and the Monstrous*. London: Routledge, 2012.

WITTMANN, Kevin R. Closest to Where The Sun Sets: The Fortunate Islands and the Limits of the World. In: *Medieval Geography and Cartography*. Duham: Duham University Press, 2016, pp. 63-80.

WROTH, Lawrence C. *The Early Cartography of the Pacific*. In: *The Papers of the Bibliographical Society of America*, vol. 38, 1944, pp. 87 - 268.

Artigo recebido em 28/03/2024

Aceito para publicação em 11/08/2024

Editor(a) responsável: Paloma Caroline Catelan

¹ O escritor latino Macróbio (século IV) descreveu o mundo conhecido por meio de cinco zonas, dispostas como espelho., cf. RANDLES, W. G. L. *Da terra plana ao globo terrestre: uma rápida mutação epistemológica (1480-1520)*. Lisboa: Gradiva, 1990, p.11

² O mapa T e O é um modelo de mapa-múndi medieval que descreve o mundo conforme as ideias de Isidoro de Sevilha (570 – 636) em sua obra "*Etymologiae*". O disco de Isidoro, também conhecido como mapa- múndi do século XIII, divide o mundo em três continentes: Ásia, África e Europa. Este mapa evidencia fortemente referências cristãs em suas inscrições, incluindo nomes encontrados na Bíblia, dispostos sob cada continente. Sobre o debate veja NORONHA, Isabel. A corografia medieval e a cartografia renascentista: testemunhos iconográficos de duas visões de mundo. In: *História, Ciências, Saúde*. Manguinhos, v.3, 2000, p. 681–687.

³ Optou-se por manter a escrita original da palavra contida no *Liber Floridus*.

⁴ Quem, em relação a outra pessoa, reside no ponto diametralmente oposto da Terra; um habitante de um lugar que está situado no mundo, diametralmente oposto a outro. Na superfície de uma esfera, dois pontos antipodais são aqueles que se encontram em posições diametralmente opostas. Um ponto antipodal é frequentemente referido como antípoda. O termo *antípoda* tradicionalmente na Europa se refere às regiões localizadas do outro lado da Terra, como a Oceania, e deriva do plural "*Antípodas*". Essa terminologia se originou de uma expressão grega que literalmente significa "pés opostos" (pois as pessoas que viveriam nos antípodas caminhariam "de forma oposta"). "Antípoda" é um uso incorreto da linguagem, visto que o singular de "*antípodas*" em grego é "*antipous*", sobre o assunto veja FABRÍCIO, Deyse; VITTE, Antonio. O Novo Mundo e as heranças medievais sobre o ecúmeno: raças plinianas, antípodas e cartografia. In: *Figura: Studies on the Classical Tradition*. Campinas, vol. 9, n. 2, p. 70.

⁵ Tradicionalmente, o conceito de *oikoumene* é entendido como o espaço onde a cultura grega se expande e se desenvolve. Ao longo do século II a.C., na sua busca pelo domínio universal, Roma conseguiu dominar politicamente o espaço grego, mas ao mesmo tempo integrou-se no *oikoumene* grego. Cf. LAGOS- ABURTO, Leslie; MONTANARES-PINA, Felipe. La geografía en la historiografía helenística. El concepto de oikoumene en las Historias de Polibio. *Byzantion nea hellás*, Santiago, n. 39, p. 101-124, dic. 2020. Disponible en <http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-84712020000100101&lng=es&nrm=iso>. accedido en 17 feb. 2024. <http://dx.doi.org/10.4067/S0718-84712020000100101>.

⁶ Forma aportuguesada da palavra *oikoumene*, definido como o limite da habitação humana, que variavam ao longo do tempo, e da percepção do que existia nas extremidades do mundo que passou por mudanças durante o período de transição entre a Idade Média e o Renascimento.

⁷ Os habitantes de dois pontos do globo que partilham uma longitude e para os quais a soma dos seus graus de latitude é igual a zero.

⁸ O nome deriva da mitologia grega, que narra que Hércules, como parte de um de seus doze trabalhos (o décimo), precisava atravessar um estreito marítimo. Com pouco tempo disponível, optou por abrir caminho com seus ombros, ligando assim o mar Mediterrâneo ao Oceano Atlântico. De um lado, permaneceu um grande rochedo, posteriormente chamado Gibraltar (monte Calpe), enquanto do outro lado ficou o monte Hacho ou o monte Musa (Abília ou Ábila), o primeiro localizado em Ceuta e o segundo a alguns quilômetros a oeste.

⁹ Veja nota 8.

¹⁰ Segundo Strabão, Crates foi o responsável por construir uma esfera que representava a Terra, sendo considerado o inventor do primeiro globo terrestre. Como seguidor da teoria das cinco zonas climáticas desenvolvida por Parmênides, Crates acreditava que a zona tórrida era ocupada pelo oceano e que, por analogia, era possível conceber povos vivendo além dessa zona. A concepção de uma Terra esférica, predominante entre os antigos estudiosos da Grécia, como Parmênides, rapidamente levou à especulação sobre a existência de terras do sul que seriam simétricas aos continentes conhecidos pela observação. Esses supostos continentes são representados em globos, como o criado por Crates de Mallos. Veja BARATIN, Marc. Le De Grammaticis et Rhetoribus de Suétone: um texto polêmico? In: *História, Epistemologia e Linguagem*. Volume 20, fascículo 2, 1998, pp. 81-90.

¹¹ Na tradição clássica, as Ilhas Afortunadas são mencionadas como paraísos, onde repousam deuses e heróis míticos, desde os autores gregos até figuras como Ptolomeu do Egito antigo e Homero, que as descreve como além dos Pilares de Hércules. No século I, o historiador romano Plínio-o-Velho e Plutarco identificaram-nas com as Canárias, uma ideia retomada por Camões em seu canto V, estrofe 8. Fernando Pessoa, em "Mensagem", as concebe como mito e símbolo, representando um lugar atemporal e além do espaço, onde os mitos do Quinto Império e do Encoberto aguardam sua concretização. Essas ilhas, percebidas apenas no sono por sinais auditivos e pelo som das ondas, são terras sem local definido, onde reside o Desejado, aguardando para estabelecer o Quinto Império.

¹² A autoria das obras atribuídas a Guilherme de Conches não é unânime, mas é provável que ele tenha escrito o enciclopédico "*De philosophia mundi*" (ou "*Philosophia*") e o diálogo relacionado a ele, "*Dragmaticon*", além de comentários sobre "*Timeu*" de Platão, "A Consolação da Filosofia" de Boécio, "*Institutiones grammaticae*" de Prisciano e o "Comentário sobre o 'Sonho de Cipião'" de

Macróbio. Guilherme explica que o mundo é composto de elementos, os quais ele define como "as mais simples e mais pequenas partes de qualquer corpo — mais simples na qualidade, mais pequenas na quantidade". Ele identifica esses elementos com os quatro elementos clássicos (fogo, ar, água, terra), mas, seguindo Constantino, o Africano, não os concebe da mesma maneira como eram entendidos anteriormente, uma vez que não são simples em qualidade nem mínimos em quantidade: por exemplo, a terra contém algo quente, algo frio, algo seco e algo úmido, simultaneamente. Segundo Guilherme, os elementos puros só podem ser compreendidos pela razão, através de uma divisão abstrata dos corpos sensíveis. Cada um desses elementos puros possui duas das quatro qualidades básicas: a terra é fria e seca, a água é fria e úmida, o ar é quente e úmido, e o fogo é quente e seco. Os elementos perceptíveis, chamados de *elementata*, são feitos desses elementos puros: a terra sensível é especialmente composta de pura terra, a água sensível é especialmente de água pura, e assim por diante. Veja William of Conches, *A Dialogue on Natural Philosophy (Dragmaticon Philosophiae)*. Tradução para inglês com introdução de Italo Ronca e Matthew Curr. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1997.

¹³ A Bíblia de Arnstein preenche dois grandes volumes (545 x 375 mm) correspondentes à Biblioteca Britânica MSS Harley 2798 e 2799. Produzido durante a década de 1170 na Abadia Premonstratense de

SS. Maria e Nicolau em Arnstein, Renânia, contém uma galeria de grandes iniciais historiadas e foliadas num rico estilo românico tardio, pelo que foi incluída em vários levantamentos de iluminura românica. Sua importância na história da arte alemã no século XII tem sido frequentemente destacada, assim como suas afinidades estilísticas com um pequeno número de manuscritos bíblicos renanos bem conhecidos do período, como as famosas Bíblias Worms e Floreffe.